



## **BELA, RECATADA E DO LAR: (DES)CONSTRUINDO DISCURSOS SOBRE A FEMINILIDADE NA CONTEMPORANEIDADE.**

Ana Paula Costa Nascimento; Guy Bravos Monteiro Neto; Gwendoline Jacqueline Mignot; Aline Maria Barbosa Domício Sousa.

*Universidade de Fortaleza (Unifor) / E-mail: anapaulacostaa5@gmail.com*

**RESUMO:** Este trabalho debate criticamente os discursos sobre a feminilidade divulgados na mídia brasileira, sob a ótica dos feminismos interseccionais, considerando as representações sociais no sentido de repensar a normatização dos papéis femininos. Tem como parâmetro a feminilidade na contemporaneidade e utilizou o levantamento bibliográfico e documental como estratégia metodológica. A importância dos resultados está na possibilidade de desconstrução, através do repensar crítico sobre como os feminismos e as representações agem para determinação das normas, tidas como verdadeiras na sociedade, sendo relevante para a formação acadêmica e profissional na área das ciências humanas e sociais.

**Palavras-Chave:** representações sociais; feminismos interseccionais; feminilidade; contemporaneidade.

### **INTRODUÇÃO**

Na atualidade, vários autores (Nogueira & Oliveira, 2010; Sarti, 2004; Narvaz, 2007; Graciano, 2016; Santos, 2002), discutem de maneira crítica sobre os modelos de padrões exercidos e enquadrados a feminilidade, tais como as temáticas da beleza ou a autoimagem e a exigência de terem que ser exercidos pelo feminino. Vários padrões que são colocados e vivenciados diariamente, provindo juntamente com o discurso homogêneo da sociedade com o intuito de direcionar o processo subjetivo de cada um, pressupõem a homogeneização de vivências. Recentemente tivemos uma grande repercussão de uma dessas ações que ficou conhecida através do discurso: Bela, Recatada

e do Lar<sup>1</sup>. Uma reportagem escrita por Juliana Linhares, intitulada: “Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”, pela *Revista Veja* (Brasil), no dia 18 de abril de 2016. Reportagem que interliga a visão de (suposta) padronização da *feminilidade*, mediante representações que a sociedade constrói (Corrêa et al., 2007). Neste artigo, temos como base os feminismos, no qual emergiu a motivação para se debater o tema de forma crítica e também em referência a escassez bibliográfica sobre a temática.

Diante dos discursos sobre gênero, (re) produzidos na mídia, temos como objetivo promover uma crítica reflexiva, em atenção à necessidade de se problematizar os discursos sobre gênero, destacando assim, o feminismo interseccional e os padrões normativos do ser

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>> Acesso em 24 de Abril de 2016.



mulher. Assim, empreendemos uma discussão teórico-epistemológica mediante as relações de gênero e o discurso citado, através de uma revisão bibliográfica (e de reportagens) com o propósito de refletir, onde torna-se arraigado os discursos sobre as relações femininas em detrimento das classes sociais e raça, tecendo assim minorias.

## **METODOLOGIA**

Como objeto de estudo central para este trabalho, ressaltamos o uso das abordagens qualitativas. Para o autor CHIZZOTTI (2006)

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a atenção sensível (p. 1).

Os dados da reportagem publicada na *Revista Veja* (2016), foram submetidos à análise para aliar conteúdos das reportagens com as teorias da interseccionalidade, cujo foco central foi a normatização, feminismos, gênero, sexismo e representações. A pesquisa bibliográfica em si ocorreu em Abril e Maio/2016 concretizando-se por um levantamento documental sobre o discurso da feminilidade. Assim foi analisada a revista online<sup>2</sup>, através de leituras flutuantes e apoio de uma grelha, utilizando-se: livros, artigos científicos e bases online<sup>3</sup>. Para Bardin (2011) a análise prevê três fases: a pré-análise

<sup>2</sup> Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/>>

<sup>3</sup> google acadêmico, scielo e pepsico.

textual, a exploração do material, o tratamento dos resultados. Tanto a pesquisa bibliográfica, quanto a documental tem como finalidade a busca por documentos escritos, porém, na pesquisa documental o interesse vai além de artigos e incorpora também outros tipos de documentos, como neste trabalho: a reportagem citada. Para Gil (2002),

Nesse sentido, é possível até mesmo tratar a pesquisa bibliográfica como um tipo de pesquisa documental, que se vale especialmente de material impresso fundamentalmente para fins de leitura.

Portanto, nossas discussões caracterizam-se por não exigir contato direto com sujeitos e tem a finalidade de reunir contribuições para a interface que nos propomos e que estudamos no Grupo Interloquções<sup>4</sup>.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O padrão da mulher no Brasil, já vem enrijecido desde os primórdios da civilização, Segundo Ribeiro e Leite (2002), Sarti (2004) que trazem um levantamento histórico sobre os retratos sobre a mulher e a feminilidade, ressaltando as representações sociais sobre as mulheres e homens durante décadas no Brasil. A mulher precisa ser sensível, delicada, boa mãe, boa esposa e boa filha. A mulher precisa ter filhos. A mulher não pode falar alto, falar palavrão. A mulher não pode ganhar mais que o homem e nem ser melhor que o mesmo. E se tentar? Talvez seja criticada pelos padrões

<sup>4</sup> <http://interloqucoes.wix.com/pesquisa>



normativos de como ser mulher. Segundo Biasoli-Alves (2000):

o século XX passou por profundas alterações práticas, valores e papéis, em diversas sociedades. Fatores como a urbanização, os avanços da ciência e da tecnologia, as novas necessidades educacionais, a economia e a globalização impulsionaram essas mudanças. A instituição familiar sofreu grandes modificações, em sua estrutura e nos papéis desempenhados por seus membros.

A mulher está ocupando seu espaço, construindo-o de uma forma que vai contra os padrões: buscando vestir o que acha bonito, por exemplo, e com maior inserção no mercado de trabalho que caracterize altos cargos e altos salários, além do homem.

As representações sociais configuram-se como um conjunto de valores, ideias, práticas, que nos auxiliam a refletir acerca do espaço social e como a sociedade percebe/interpreta determinados acontecimentos, visualizando-o enquanto padrões de beleza, gênero feminino, caracterizando estereótipos generalizados a feminilidade. Como crítica da representação da mulher, Moscovici (1978, p.44) diz que “a representação social constitui uma das vias de apreensão do mundo em seus alicerces e consequências”. Para Nogueira & Oliveira (2010)

Pessoas pertencentes a um ou mais grupos marginalizados podem experimentar opressão resultante da interseccionalidade dessas pertenças. Todas as investigações que referem a problemática da diversidade levam a que se tome em consideração a perspectiva interseccional, já que diferentes

identidades são experienciadas, não de forma isolada umas das outras, mas, como categorias que se sobrepõem, e que se combinam para produzir modos particulares de estar no mundo. (p.13)

A expressão “Bela, Recatada e do Lar”, publicada com o título “Marcela Temer: bela, recatada e “do lar” *Revista Veja* (Brasil, 2016) gerou grande revolta nas redes sociais, assim como também um grande público de apoio à expressão. A protagonista da matéria é uma mulher branca, de classe alta que segue os padrões considerados femininos da sociedade: gosta de vestidos até os joelhos e cores claras, tem diploma (mas nunca exerceu a profissão, preferiu ser sustentada pelo marido), pretende ter mais um filho, e cuidar do lar. Segundo Biasoli-Alves (2000) “em meados do século XX aconteceram mudanças econômicas e sociais, e um predomínio da vida nas cidades”. Como consequência houver uma abertura para uma escolarização e profissionalização das mulheres. Foi exigindo da mulher habilidades novas, contudo, valores foram mantidos. Em exceções, mulheres abandonam seu trabalho e o diploma (universitário) para cuidar da casa e dos filhos. Evidenciando que o papel de destaque era o do homem dentro da família, o provedor de todas as necessidades materiais.

Essa polêmica fez com que mulheres (e mesmo homens) publicassem fotos de afronta a esse papel normativo do ser mulher, pois não é só de mulheres brancas e ricas que se



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

compõem o Brasil. Elucidando que a crítica não é contra as mulheres que escolhem viver uma vida tradicional, mas sim partindo da ideia de que só esse tipo de feminilidade tem seu valor. Sgarbieri (2006) argumenta que “a imprensa possui um caráter multiplicador, fundamental na construção da identidade”. Os discursos divulgados em jornais e revistas de circulação nacional estabelecem uma série de representações, que possibilitam condições para formação de novas identidades (ibidem).

Os meios de comunicação possuem um caráter ambíguo, onde por trás de uma matéria surja o efeito “polêmico”, e almejado, que foi pensando anteriormente. Para Teixeira (2013), a imprensa é, acima de tudo, um produto de determinadas práticas e se constitui como instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. O significado de como ser ou agir como homens ou mulheres é construindo socialmente, e varia conforme as representações presentes no imaginário de cada época. As instituições da sociedade, tais como: família, igreja, mídia, ratificam valores femininos/masculinos de modo a subliminar em maior parte das publicações, assim como a que se faz menção nesse artigo, a frase: *Bela, Recatada e do Lar*, por trás dessa frase, há um conteúdo atribuído aos padrões normativos e alimentados por uma sociedade. As mulheres foram excluídas da história. Até a segunda metade do século XIX, as mulheres ficavam

restritas ao espaço privado, sua participação social era restrita aos afazeres domésticos. Já o acesso ao espaço público era reservado aos homens (TEIXEIRA, 2013).

Por que bela? Por que recatada? Por que do lar? A reportagem da revista *Veja* “*Bela, recatada e do lar*” não é neutra, nem inocente, possui um caráter ideológico e normatizante por traz desse discurso. É o regresso a figura feminina idealizada do século XIX, uma mulher bela aos olhos do marido, recatada que não se envolvia nas questões políticas, econômicas e sociais e com uma linguagem polida, e do lar, o ambiente reservado a elas. A postura apresentada pela *Veja* é a negação do protagonismo feminino, mostrando que a mulher deve ser submissa ao poder masculino e excluída do ambiente público e/ou outro que desejar e considerar pertinente a si. Desse modo, podemos citar esse discurso como um retrocesso social. Segundo Silva et al. (2015):

As demandas para as quais as políticas públicas são criadas na maioria das vezes não atendem a contento toda a sociedade uma vez que a mesma pensa o público feminino de maneira generalista (...).

Portanto, podemos falar em minorias em relação aos direitos da feminilidade, é de valia repensar que a posição da mulher frente a uma categoria de minorias, se dá também pelo discurso/posição do feminino frente o que é cobrado perante o social e sair do padrão é se dispor a discursos moralistas de opressão e/ou machismo. Assim podemos citar o sexismo,

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

como base em uma discriminação respaldada em um só gênero e/ou orientação sexual sob o outro, atribuindo ideologias que beneficiam um tipo de gênero.

Segundo Silva et al. (2015) “faz-se necessário a participação e intervenção da população no sentido de reivindicar suas demandas a ponto de que cheguem até os que detêm o poder para resolvê-los”. Refletimos sobre uma visão de sociedade que acaba reforçando privilégios – ressaltando a masculinidade e diferenciando o feminino. Os feminismos estão para além da cena dos gêneros, sendo um movimento de inclusão, de igualdade, de ampliação sobre o pensamento feminino na contemporaneidade, pois envolve outros movimentos: o LGBT, questões raciais, questões de classe, questões de gênero. Deste modo, a luta é para as minorias que enfrentam um mundo de opressão, violência, exclusão, assédio. E essas questões são impostas por padrões de belezas, profissão e constituição familiar, tudo a ser normatizado, colocado como troféu para a sociedade, através dos meios midiáticos.

Assim, percebe-se na reportagem uma mulher de classe alta, bonita, loira, branca, que utiliza roupas “ideais”, que quer ter filhos, que é casada, que é do lar. Um belo padrão a ser idealizado, um belo padrão a ser seguido, é o que a mídia e a sociedade subtendem-se. E onde entra a mulher que não é casada? Que não quer casar? Que é mãe

solteira? Que não quer ter filhos? Que quer ser gorda e não magra? Que é negra e não branca? Que usa short e não saias longas? Que é pobre e não rica? Que é transsexual? Que é homossexual? Que é bissexual? Que é quem o que deseja ser? Que tem um lar, mas não é do lar? Contudo, a mídia se utiliza do discurso sobre padrões, à mídia se coloca enquanto democracia, a sociedade segue os padrões e se diz viver em uma busca por uma democracia, mas, essa busca permanece em uma verdadeira preservação das relações de poder exercidas, formando-se nas realidades naturalizadas. Os feminismos interseccionais, vem justamente desnaturalizar essas formas de relações de poder, que tornam invisíveis as minorias, sendo assim uma luta constante por espaços, por igualdade, e também para um empoderamento feminino, para que a feminilidade possa também questionar esses tipos de discursos enrijecidos, e lutar por liberdade, uma liberdade de ser mulher mediante qualquer aspecto, mediante qualquer espaço, mediante qualquer escolha, saindo assim do enquadramento produzido sobre o que é útil ou não à sociedade.

O termo *interseccionalidade* rodeia os estudos sobre os feminismos, pois ele adentra em outros feminismos e permeia categorias, como: as desigualdades sociais, o preconceito, o sexismo e racismo. Segundo Kerner (2012) tal discussão tem ocupado espaço importante

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

na pesquisa de gênero. O reconhecimento de que formas sexuais de injustiça são, por um lado, análogas e, por outro, empiricamente entrelaçadas com outras formas de injustiça - como as relacionadas à raça, etnia e religião. Por fim, na contemporaneidade, vivemos em um lugar que prega uma liberdade, porém desde que a sua liberdade não atravesse a do outro, como podemos acreditar em liberdade de expressão que censura o questionamento, o não a rotulação? É o discurso censurado das mídias. Sobre isto, Viana (2015) afirma:

A liberdade de expressão é uma das chamadas “liberdades civis” e um direito humano, constante da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, em seu artigo 11. Toda a discussão sobre “liberdade de expressão”, no entanto, são representações ilusórias e/ou ideologias que abstraem a sociedade em que ela nasce e supostamente se reproduz. (p. 13)

Apesar de haver muitos movimentos, de lutas para uma possível conscientização em relação ao se sensibilizar com o outro, ainda vivemos em liberdade censurada, mascarada, arraigada, esfacelada, pois a mídia nos mostra que valoriza o tradicionalismo, e os modelos que devem se sobrepôr entre os indivíduos, assim como na reportagem: Bela, Recatada e do Lar. Diariamente mulheres sofrem violências, assédios, tendo que acatar com os seus deveres de “ser feminino”, e que quantas mulheres vivem também aprisionadas com o silêncio e a culpa de não poderem ser quem querem ser por conta de uma repressão, por

um julgamento. Para Viana (2015, p.14) “A liberdade de expressão é uma relação social e enquanto tal não é algo reduzido a quem se manifesta, mas a quem sofre ou recebe tal manifestação”. A expressão da feminilidade é livre, e também vive uma pluralidade, o que se deve refletir não qual é o papel que a mulher deve/tem que exercer, mas sim qual a compreensão e o seu papel de ser humano na sociedade. Para além do gênero, raça, idade, orientação sexual e para além do: Bela, Recatada e do Lar.

A proposta inovadora deste artigo está na perspectiva de contextualizar estas reflexões na cena da contemporaneidade, ou seja, rever a ideia de que as exigências de novos padrões de vida e de desenvolvimento de habilidades para garantir a sobrevivência no mundo atual limita-se, e muito, a padronizações da própria sociedade (Ferreira, 2002; Mendonça, 1999; Anico, 2005).

### CONCLUSÃO

A mulher brasileira vem ganhando seu espaço no público, construindo sua imagem fora dos padrões de uma sociedade machista, sexista e racista. No entanto, engana-se quem acha que esse movimento em prol da autonomia feminina não iria encontrar obstáculos em seu percurso. Para Bisoli-Alves (2000) com as alterações socioeconômicas do século XX, o papel da mulher foi se



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

modificando dentro e fora da família. Antes reservada ao privado (ao lar), tendo como ocupação os cuidados da casa/filhos. Passando a ser acompanhada nos passeios por membros da família, geralmente homens, e sendo “convocada” a desenvolver novas habilidades que ajudassem no sustento da casa, mas ainda subordinada ao poder masculino. Chegando ao final do século XX onde a mulher ganhou o direito de ir e vir, não precisava estar acompanhada para ir às ruas o público também é aberto a ela. No trabalho ela passou a ocupar lugares antes reservados exclusivamente aos homens, predominando um sentido de liberdade e uma diminuição das interdições. O casamento passou a não ser tão rígido, comparado aos séculos passados. Ela está conquistando seu protagonismo, antes negado pelo patriarcalismo.

De acordo com Teixeira (2013), os meios de comunicação se constituem instrumentos de manipulação e produção de representações de comportamentos para o homem e para a mulher. O discurso da mídia não é neutro e nem inocente, por traz das reportagens a uma lógica normatizante do que é ser mulher, de como ela deve se comportar, falar, sentir e principalmente em que espaços o feminino deve ocupar. Essa ideia também é defendida por Sgarbieri (2006). A reportagem “Bela, recatada e do lar” é um regresso da imagem da mulher dos séculos passados, submissa ao

poder e passiva nos processos construtivos da sociedade.

A protagonista da matéria em questão é a de uma mulher branca, de classe alta, casada, com filho (homem) que segue os padrões da sociedade. A reportagem causou polêmica, primeiro por reduzir o papel da mulher a ser bela aos olhos do marido, recatada em seus comportamentos e modos de expressar, e do lar, espaço que é apresentado como o suposto ambiente onde a mulher deve ocupar. O segundo ponto é que representa como ideal de feminino a mulher branca, rica, casada e com filho. O Brasil é um país plural, não existem só mulheres brancas, ricas, mas, homossexuais, bissexuais, solteiras, negras, pobres.

Segundo o feminismo interseccional, abordado por Nogueira e Oliveira (2010), pessoas pertencentes a um ou mais grupos marginalizados, como ser negra, pobre, homossexual, podem experimentar opressão resultante da interseccionalidade de pertencas. Se ser branca, rica heterossexual é o padrão aceitável, tudo que está fora desse “padrão” será excluído e marginalizado. O feminismo interseccional, vem para desnaturalizar essas relações de poder. A feminilidade é livre, é plural. O que se deve refletir não é só sobre qual o papel que a mulher tem que exercer, mas qual seria a ação dela na sociedade.

### AGRADECIMENTOS

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Agradecemos a Professora Dra. Aline Domício Sousa, pelas recomendações e disponibilidade para revisão deste trabalho.

À Universidade Fortaleza (UNIFOR), como geradora de possibilidades de conhecimento e oportunidades de formação.

Ao Grupo de Pesquisa Interloquções que motivou a construção desse trabalho.

E principalmente a todas as mulheres que não se deixam aprisionar pelos discursos vivenciados perante a sociedade, e que vivem em busca de direitos, igualdade e cidadania, se empoderando cada vez mais de seus espaços na sociedade e o quão longe podem chegar sendo quem são.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Moisés. **O papel da mídia na difusão das representações sociais.** *Comum.* 6(17), 111-125, julho/dezembro, 2001.

ANICO, Marta. *"A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade."* *Horizontes antropológicos* 11.23 (2005): 71-86.

ARRUDA, Ângela. **Teoria das representações sociais e teorias do gênero.** *Cadernos de Pesquisa.* Campinas, SP, v.117, p.127-147, 2002.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. **Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX.** Universidade de São Paulo:

SP. *Psic.: Teor. e Pesq.* Set-Dez 2000, Vol. 16 n.3, pp. 233-239.

BLACKWELL, Maylei; NABER, Nadine. **Interseccionalidade em uma era de globalização: As implicações da conferência mundial contra o racismo para práticas feministas transnacionais.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 189, jan. 2002. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/articloe/view/S0104-026X2002000100012/8775>>.

Acesso em: 01 Maio 2016.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis: Vozes, 2006.

CORREA, Alessandra Morgado Horta et al. **Soldadinhos-de-chumbo e bonecas: representações sociais do masculino e feminino em jornais de empresas.** *Rev. adm. contemp.*, Curitiba, v. 11, n.2, p.191-211, June 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-65552007000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552007000200011&lng=en&nrm=iso)>

Acesso em 1 de Maio de 2016.

COSTA, Ana Alice Alcântara. **O Movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de uma Intervenção Política.** Instituto Universitário de Estudos de la Mujer da Universidad Autonoma de Madrid. 2004.

FERREIRA, Ricardo Franklin, Genilda Garcia Calvoso, and Carlos Batista Lopes

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)





Gonzales. *"Caminhos da pesquisa e a contemporaneidade."* *Psicologia: reflexão e crítica* 15.2 (2002): 243-250..

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GRACIANO, Marília. **Contribuições da Psicologia Contemporânea para a Compreensão do Papel da Mulher.** XXVII Reunião Anual da SBPC, Belo Horizonte, julho, 1975. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/284.pdf>> Acesso em 28 de Abril de 2016.

MATOS, Patrícia. **O Conceito de Interseccionalidade e suas Vantagens para os Estudos de Gênero no Brasil.** 2009

Moraes et al. A Teoria das Representações Sociais. FPbe/UNISEPE.

MENDONÇA Rodrigues, Patrícia. *"O surgimento das armas de fogo: alteridade e feminilidade entre os Javaé."* *Estudos feministas* (1999): 195.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise.** 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NARVAZ, Martha; Koller, Sílvia. **A Marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea.** v. 38, n.3, PP. 216-233, set/dez. 2007

Nogueira, C. & Oliveira, J. M. **Estudo sobre a discriminação em função da orientação**

**sexual e da identidade de gênero.** Lisboa: CIG. 2010.

RODRIGUES, Cristiano. **Atualidade do Conceito de Interseccionalidade Para a Pesquisa e Prática Feminista no Brasil.** Séminário Internacional Fazendo Gênero 10 Florianópolis, 2013. Disponível <<http://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminismo%20negro2.pdf>> Acesso em 25 de Abril de 2016.

IBGE, **Censo Demográfico 2010.** Disponível <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao.html>> Acesso 1 de Maio de 2016

KERNER, Ina. **Tudo é interseccional?: Sobre a relação entre racismo e sexismo.** *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 93, p. 45-58, July 2012. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010133002012000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010133002012000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 1 de Maio de 2016.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** *Pro-Posições*, v. 19, n.2 (56), maio/ago 2008.

RIBEIRO, Silvana. **Retratos de Mulher: Construções sociais e representações visuais do feminino.** Braga, 2002.

RAGO, Margareth. **Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos.** Depto de História – UNICAMP.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de**



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

**gênero.** Cad. Pagu, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010483332001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332001000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso 25 de Abril de 2016.

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. **O Pensar e o Agir como Possibilidade de Desconstrução dos Sujeitos “Gendrados”.** Ver. Humanidades, Fortaleza, v. 17, n.1, p. 6-18, jan-julh. 2002. **uma trajetória.** Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto, 2004.

SGARBIERI, A. N. **Representações do Gênero Feminino na Mídia Impressa.** Estudos Linguísticos XXXV, p. 386-371, 2006.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando** Silva et al. **Avanços e Retrocessos da Participação da Mulher na Sociedade Brasileira: Uma Breve Reflexão Social e Política.** Cachoeira, 2015.

TEIXEIRA, N. R. B. **Entre o público e o privado: Imprensa e representação Feminina.** Revista Encuentros, Universidad Autónoma del Caribe, 12 (2), pp. 79-92. 2014  
VIANA, Nildo. **A “Liberdade de Expressão” Numa Sociedade sem Liberdade.** Revista Posição, Ano 1, Vol. 2, num. 5, jan/mar. 2015.